

## A fotografia e a pesquisa em História da Educação: escola paulista na década de 1930

*Photography and research in History of Education: School of São Paulo in the 1930s.*

---

### **Macioniro Celeste Filho**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Faculdade de Ciências – Departamento de Educação – campus de Bauru. Professor Assistente Doutor – lecionando História da Educação e também Conteúdos e Metodologia do Ensino da História  
marcio.celeste@fc.unesp.br e marcio.celeste@uol.com.br

No século XIX e nas primeiras décadas do século XX, muitos dos fotógrafos europeus, norte-americanos e brasileiros não concebiam sua atividade como arte. Frequentemente, muitos fotógrafos cogitavam sua profissão como a de registro documental da realidade. Ainda nos primeiros anos do século XX, ao menos no Brasil, a discussão estética sobre o caráter artístico da fotografia não era debate prioritário. Boa parte das fotografias encomendadas para registro oficial não tinha caráter artístico. Os fotógrafos contratados por órgãos públicos concebiam a si próprios como documentaristas. Em nosso país, somente em meados do século passado a fruição estética de fotos antigas ganhou força predominante no olhar do espectador. Desde então, fotografias do passado podem ser apreciadas sob o ponto de vista do documento ou da obra de arte. Não se trata aqui de tipos diferentes de fotografias, mas de posturas de olhar diversas em cada espectador. A apreciação estética e também a análise técnica das fotografias do passado têm sido privilegiadas nas últimas décadas. É propósito deste trabalho recuperar o caráter documental da fotografia como fonte de pesquisa em História da Educação. Não se pretende refutar sua possível leitura artística, pois, mesmo involuntariamente, esta abordagem existia na formação profissional dos fotógrafos das primeiras décadas do século XX. No entanto, pretende-se aqui salientar que o uso documental era o propósito de muitas das

fotografias do passado. Assim, se eram documentos no passado, as fotografias podem ser tratadas também como documentos no presente, favorecendo seu uso como fonte de pesquisa em História da Educação. Os autores privilegiados para a fundamentação conceitual deste texto foram Boris Kossoy e Susan Sontag.

Em seu mais recente livro, principalmente no capítulo intitulado “A democratização do ensino”, Rosa Fátima de Souza analisa a expansão do ensino primário no estado de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Esta autora aponta o importante papel dos grupos escolares na abrangência crescente da escolarização em São Paulo:

Em São Paulo, a expansão dos grupos escolares acompanhou as características regionais do desenvolvimento econômico e urbano do estado. Como evidencia Love, esse desenvolvimento esteve intimamente ligado à cultura cafeeira. Nas palavras do autor: “as ferrovias seguiram o café, a população e a prosperidade seguiram as ferrovias.” (LOVE, 1982, p. 23) Nas principais cidades plantadas ao longo dos trilhos, principal via de comunicação do estado nas primeiras décadas do século XX, foi instalado um grupo escolar nas cercanias do centro da cidade próximo à igreja, à praça, à prefeitura ou à rua do comércio. Por isso é possível dizer que a expansão do ensino acompanhou os rastros do café e a “marcha para o Oeste”. Na maioria das cidades, as elites políticas e econômicas locais demandaram, exigiram, negociaram e patrocinaram a criação dessas escolas primárias modelares. A participação dos municípios foi grande, oferecendo ao governo do estado prédios para o funcionamento da escola ou o terreno para a construção de edifícios ou até mesmo arcando com parte dos custos de manutenção. Em realidade, a gestão dos representantes locais junto aos setores políticos da administração estadual envolvendo negociações políticas (trocas de apoios e favores) foi um dos principais fatores determinantes no provimento, instalação e construção de escolas no estado de São Paulo ao longo do século XX. (SOUZA, 2009, p. 131)

Em seguida à criação por parte do Governo Federal, em 1931, do Ministério da Educação e da Saúde Pública, vários estados criaram congêneres deste órgão federal. Em São Paulo, a Secretaria Estadual de Educação e Saúde Pública, após 1932, passa a desempenhar o papel de mediador entre as administrações municipais e o governo estadual na troca de apoios e favores, conforme a citação acima, para a gestão do crescente sistema educacional. Porém, com o término das barganhas correntes da Primeira República, a Secretaria de Educação se propôs a tarefa de averiguar qual era a concreta situação educacional nos diversos municípios do estado, com o intuito de modernizar a administração escolar em São Paulo e favorecer sua expansão. Isto modernizaria a troca de

apoios e favores políticos no estado. Para tanto, a partir de 1933, a Secretaria Estadual de Educação empreende a elaboração de relatórios sobre o ensino no estado. Estes relatórios foram executados por Delegados Regionais de Ensino. Tais relatórios foram elaborados pelas 21 recém criadas Delegacias Regionais de Ensino. Entre 1933 (Bauru) e 1944 (São Carlos) foram confeccionados 68 relatórios de ensino, abrangendo mais de uma vez algumas das Delegacias Regionais da capital e do interior. Estes relatórios estão preservados no Arquivo Público do Estado de São Paulo. O uso como fonte destes relatórios e suas ilustrações consta da obra acima citada da Rosa Fátima de Souza. Neste trabalho, a autora não tinha como propósito analisar as fotografias destes relatórios, embora muitas das fotos tenham sido publicadas em seu livro. Pretende-se aqui prestar mais atenção a este aspecto desta documentação.

Os diversos delegados regionais de ensino contrataram fotógrafos profissionais para documentar os relatórios de sua responsabilidade, destinados ao Secretário Estadual de Ensino e ao Governador de São Paulo. As fotografias destes relatórios, às vezes, como no caso dos relatórios referentes à Bauru e à Botucatu, ambos de 1933, perfazem cerca de metade de suas páginas. Para ter um exemplo, no relatório referente à Bauru, entre suas 218 páginas existem 126 fotografias de dimensões variadas, com tamanhos geralmente próximos a 10 por 15 cm ou 9 por 14 cm. Nestes relatórios, todas as fotografias são em preto e branco. Existe muito uso da cor em gráficos, plantas escolares e, principalmente, em seus mapas ilustrativos, mas isto não será aqui abordado. Mesmo numa estimativa tímida, em 68 relatórios, existem algumas centenas de fotografias sobre o sistema escolar paulista entre 1933 e 1944. Tal fonte documental é de crucial importância para a História da Educação em São Paulo, num momento decisivo da consolidação da crescente escolarização neste estado. Uma mostra inicial das fotos destes relatórios será usada na elaboração do atual trabalho.

Boris Kossoy foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a destacar o papel da fotografia como importante fonte documental em pesquisas históricas. Este autor assim define alguns dos aspectos da fotografia:

É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida perene e imóvel preservando a imagem-miniatura de seu referente: reflexos de existências/ocorrências conservados congelados pelo registro fotográfico. Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou

nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem. [...]

Sua importância enquanto artefatos de época, repletos de informações de arte e técnica, ainda não foi devidamente percebida: as múltiplas informações de seus conteúdos enquanto meios de conhecimento têm sido timidamente empregadas no trabalho histórico. (KOSSOY, 2001, p. 28)

Em seu livro sobre fotografia e história, Boris Kossoy (2001, p. 38) recomenda ao historiador que preste atenção a três dos elementos constitutivos de uma fotografia: ao assunto, ao fotógrafo e à tecnologia nela empregada. Sobre este último aspecto, na década de 1930, ao menos com os fotógrafos empregados para o registro documental das escolas paulistas de então, não existia o uso de tecnologia fotográfica que possibilitasse o registro de imagens em rápido movimento. Assim, com poucas exceções, nestes relatórios são raras as fotos espontâneas; isto é, fotos não posadas:



Grupo Escolar de Itatinga – Arquivo Público do Estado de São Paulo



Escolas Reunidas de Santa Bárbara do Rio Claro – Arquivo Público do Estado de São Paulo

Nas fotos acima, o fotógrafo captou as espontaneidade das crianças e dos adultos defronte a duas escolas da região de Botucatu em 1933. Porém, é provável que tais fotografias não tenham sido concebidas de maneira proposital para registrar, no primeiro caso, o movimento das crianças, ou, no segundo caso, a informalidade de prováveis professores e alunos em frente ao edifício escolar. Em ambos os casos, extremamente raros neste conjunto fotográfico, o imprevisto não controlado dos seres humanos fotografados permaneceu nos relatórios provavelmente por registrarem a imponência contrastante entre os edifícios escolares e seus usuários. A norma são fotos concebidas previamente em seus diversos detalhes. Tais fotografias são documentos oficiais e assim são planejadas pelos fotógrafos das décadas de 1930 e 1940.

Boris Kossoy (2001, p. 110) diferencia dois tipos de fotografias:

Duas categorias de fontes fotográficas bastante amplas poderiam ser ilustrativas para estabelecer algumas relações entre a evidência fotográfica e a fidedignidade do documento visual:

- as fotografias tomadas pelo autor por puro prazer documental ou estético, por sua vontade própria, desvinculada, em princípio, de alguma aplicação imediata;
- as fotografias encomendadas aos profissionais do ofício por terceiros: os clientes/contratantes.

Os fotógrafos contratados pelas Delegacias Regionais de Ensino enquadram-se certamente na segunda categoria, como autores de fotos encomendadas. No atual caso, por um órgão estatal, o que acrescenta maior peso às características de produtores de imagens correspondentes à realidade concretamente oficial. Quanto às informações sobre os fotógrafos que realizaram o trabalho dos diversos relatórios das Delegacias Regionais de Ensino, infelizmente não há, até agora, nenhuma menção de autoria. Isto é compreensível, pois tais profissionais contratados não se viam como artistas, sujeitos de uma obra estética, mas como documentaristas da realidade cujo instrumento era a fotografia. Para esta possível identificação, Boris Kossoy recomenda a consulta ao *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)* e ao artigo de Vânia Carvalho e Solange Lima et al. intitulada “Fotografia e História: ensaio bibliográfico”. Mesmo com a consulta destas obras, ainda não foi possível a identificação dos fotógrafos contratados para documentar os relatórios educacionais aqui tratados. Quanto à temática das fotografias, ela é multifacetada e será abordada ao longo do texto.

Mesmo com o caráter de documentos oficiais, os fotógrafos tinham também presentes as qualidades estéticas das fotografias por eles produzidas:

A fotografia tem um destino duplo... Ela é a filha do mundo do aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico ou científico sobre ele; mas ela é também filha do retângulo, um produto das *belas-artes*, o qual requer o preenchimento agradável ou harmonioso do espaço com manchas em preto e branco ou em cores. Neste sentido, a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas e nunca será suscetível de escapar deste fato. (BRASSAÏ, apud KOSSOY, 2001, p. 48)

A fotografia é indiscutivelmente um meio de conhecimento do passado, mas não reúne em seu conteúdo o conhecimento definitivo dele. A imagem pode e deve ser utilizada como fonte histórica. Deve-se, entretanto, ter em mente que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade, um e só um enfoque da realidade passado: *um aspecto determinado*. Não é demais enfatizar que este conteúdo é o resultado final de uma seleção de possibilidades de ver, optar e fixar um certo aspecto da *realidade primeira*, cuja decisão cabe exclusivamente ao fotógrafo, quer esteja ele registrando o mundo para si mesmo, quer a serviço de seu contratante. (KOSSOY, 2001, p. 113)

Ao observarmos uma fotografia, devemos estar conscientes de que a nossa compreensão do real será forçosamente influenciada por uma ou várias interpretações anteriores. Por mais isenta que seja a interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre conforme a interpretação primeira

do fotógrafo que optou por um aspecto determinado, o qual foi objeto de manipulação desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento, até a obtenção da imagem final. (KOSSOY, 2001, p. 119)

Para uma reflexão sobre as idéias de Brassã e de Kossoy acima citados, são exemplares as fotos de festas escolares em Bauru e Agudos em 1933:



1º Grupo Escolar de Bauru – Arquivo Público do Estado de São Paulo



Grupo Escolar de Agudos – Arquivo Público do Estado de São Paulo

As duas fotos acima demonstram tanto o filtro prévio que o próprio fotógrafo apresenta sobre o tema registrado quanto a sua propensão em documentar a realidade como um profissional das artes gráficas. Isto é, com pretensões de composição equilibrada e harmoniosa; noutras palavras, organizar de maneira clássica o tema retratado. A fotografia é importante registro do real. Porém, este documento foi conscientemente construído pelo fotógrafo. A própria disposição interna dos elementos registrados foi propositalmente ensaiada de antemão. Vemos hoje não somente o passado fotografado, mas um certo passado selecionado para que compusesse a idealização que o documentarista tinha desta realidade. No entanto, isto serve como duplo documento: tanto das pessoas e da cultura material de então, quando do que a mente do fotógrafo pensava ser o correto e belo sobre o tema registrado. A preparação meticulosamente executada pelo fotógrafo sobre o tema a ser fotografado muitas vezes não tinha cunho explicitamente político, mas preponderantemente estético, como salientou Brassai. Embora, o uso com finalidade de propaganda de feitos governamentais não estivesse totalmente oculto na organização do belo nestas fotografias. A fotografia bela e passível de ser apresentada como propaganda dos feitos governamentais certamente renderia maiores possibilidades de emprego aos fotógrafos contratados para registros documentais oficiais. Kossoy destaca que a fotografia é documento de uso histórico que apresenta um fragmento do passado, apenas um único enfoque previamente construído deste passado. Contudo, esta observação serve para quaisquer tipos de documentos usados como fonte pelo historiador. As fontes escritas ou orais utilizadas em pesquisas históricas também têm este grau de parcialidade. Os historiadores convivem metodologicamente bastante bem com isto. Não deve ser diferente com a fotografia e seu uso documental em pesquisas de História da Educação.

Não se trata de privilegiar um tipo de fonte documental em detrimento de outra em pesquisas históricas. A fotografia pode fornecer indícios importantes do passado, para tanto, torna-se necessário o acompanhamento, não somente das legendas das fotos, mas dos textos, mapas e plantas arquitetônicas originais que elas propositalmente ilustram. Tal procedimento pode ampliar o foco dos estudos em história da educação:

Se a foto julga-se um documento e quer ser apresentada como tal, as informações escritas são de primordial importância. Esta verdade elementar é frequentemente esquecida pelos que consideram que a fotografia basta-se em si mesma. Portanto, tais informações são indispensáveis em todos os casos, seja quando a imagem é utilizada num trabalho de pesquisa, seja para fins educativos, seja para denunciar uma situação a título de informação. (KEIM, apud KOSSOY, 2001, p. 79)

As informações do signo escrito devem ser continuamente utilizadas na compreensão da cena passada através de imagens que registram aspectos selecionados do real. Há de recuperar pacientemente particularidades daquele momento histórico retratado, pois uma imagem histórica não se basta em si mesma. (KOSSOY, 2001, p. 122)

As próximas fotos ilustram esta proposta de complementaridade documental:



Grupo Escolar “Cardoso de Almeida” – Botucatu – Arquivo Público do Estado de São Paulo



Grupo Escolar "Cardoso de Almeida" – Botucatu – Arquivo Público do Estado de São Paulo



Biblioteca do 3º Grupo Escolar de Bauru – Arquivo Público do Estado de São Paulo

As fotos acima, dos relatórios de 1933 referentes à Botucatu e Bauru, estão acompanhadas de dados escritos relevantes. Elas ilustram a recomendação e as formas de uso das novas tecnologias como recurso pedagógico de então. E, de extrema importância, a listagem dos livros do acervo de algumas das bibliotecas pedagógicas das escolas paulistas da década de 1930. Neste último caso, este rol de títulos do que se recomendava como referência bibliográfica nestas escolas é fonte preciosa para analisar a formação educacional do período.

Da mesma maneira, pode-se entender melhor a listagem do patrimônio das cooperativas escolares e suas atribuições nos grupos escolares:



Grupo Escolar de Itararé – 1936 – Arquivo Público do Estado de São Paulo

As fotografias possibilitam observar a aplicação prática de princípios pedagógicos recomendados pelos Delegados Regionais de Ensino. Por exemplo, diferenciar como foi entendida a “aula ativa” em Botucatu em 1933 e em Itararé em 1936:



Grupo Escolar “Cardoso de Almeida” – Botucatu – Arquivo Público do Estado de São Paulo



Grupo Escolar de Itararé – Arquivo Público do Estado de São Paulo

As fotografias dos relatórios aqui tratados hierarquizam estabelecimentos educacionais. Com o auxílio de suas legendas, pode-se diferenciar se são escolas estatais ou privadas, ressaltando-se a imponência dos edifícios e, portanto, a primazia das primeiras. É o caso comparativo de duas escolas normais em 1933 na região de Botucatu:



Escola Normal Oficial de Botucatu – Arquivo Público do Estado de São Paulo



Escola Normal Livre de São Manuel – Arquivo Público do Estado de São Paulo

Fotografias, contudo, não são instrumentos neutros de registro do passado. Elas têm um poder de verossimilhança superior ao de documentos escritos. Portanto, deve-se ter maior cuidado para não encarar o fato registrado fotograficamente sem algum distanciamento crítico. Susan Sontag aponta para a necessidade deste cuidado frente à sedução da imagem fotográfica:

O que está escrito sobre uma pessoa ou um fato é, declaradamente, uma interpretação, do mesmo modo que as manifestações visuais feitas à mão, como pinturas e desenhos. Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir. (SONTAG, 2004, p. 14-15)

Toda foto tem múltiplos significados; de fato, ver algo na forma de uma foto é enfrentar um objeto potencial de fascínio. A sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: “Aí está a superfície. Agora, imagine – ou, antes, sinta, intua – o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto”. Fotos, que em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia.

A fotografia dá a entender que conhecemos o mundo se o aceitamos tal como a câmera o registra. Mas isto é o contrário de compreender, que parte de não aceitar o mundo tal como ele aparenta ser. Toda possibilidade de compreensão está enraizada na capacidade de dizer não. Estritamente falando, nunca se compreende nada a partir de uma foto. (SONTAG, 2004, p.33)

Devido ao convite à especulação e à fantasia por parte do espectador da imagem fotografada, esta autora apresenta sérias restrições ao uso da fotografia como processo de compreensão da realidade. Porém, o historiador da educação tem que se precaver contra a sedução da documentação sobre o passado sempre. Não importa se fontes escritas pareçam menos sedutoras. Elas também são produto humano, portanto carregadas de escolhas e seleção do que se registrou de maneira escrita num documento oficial. Ter distanciamento em busca de maior objetividade é exigência constante aos historiadores, não importa quais os tipos de fontes documentais. Neste sentido, ao menos no que concerne à pesquisa histórica, o atual trabalho discorda da seguinte abordagem de Susan Sontag:

O limite do conhecimento fotográfico do mundo é que, conquanto possa incitar a consciência, jamais conseguirá ser um conhecimento ético ou político. O conhecimento adquirido por meio de fotos será sempre um tipo de sentimentalismo, seja ele cínico ou humanista. Há de ser um conhecimento barateado – uma aparência de conhecimento, uma aparência de sabedoria; assim como o ato de tirar fotos é uma aparência de apropriação, uma aparência de estupro. A própria nudez do que seria, hipoteticamente, compreensível nas fotos é o que constitui

seu caráter atraente e provocador. A onipresença das fotos produz um efeito incalculável em nossa sensibilidade ética. Ao munir este mundo, já abarrotado, de uma duplicata do mundo feita de imagens, a fotografia nos faz sentir que o mundo é mais acessível do que é na realidade. (SONTAG, 2004, p. 34)

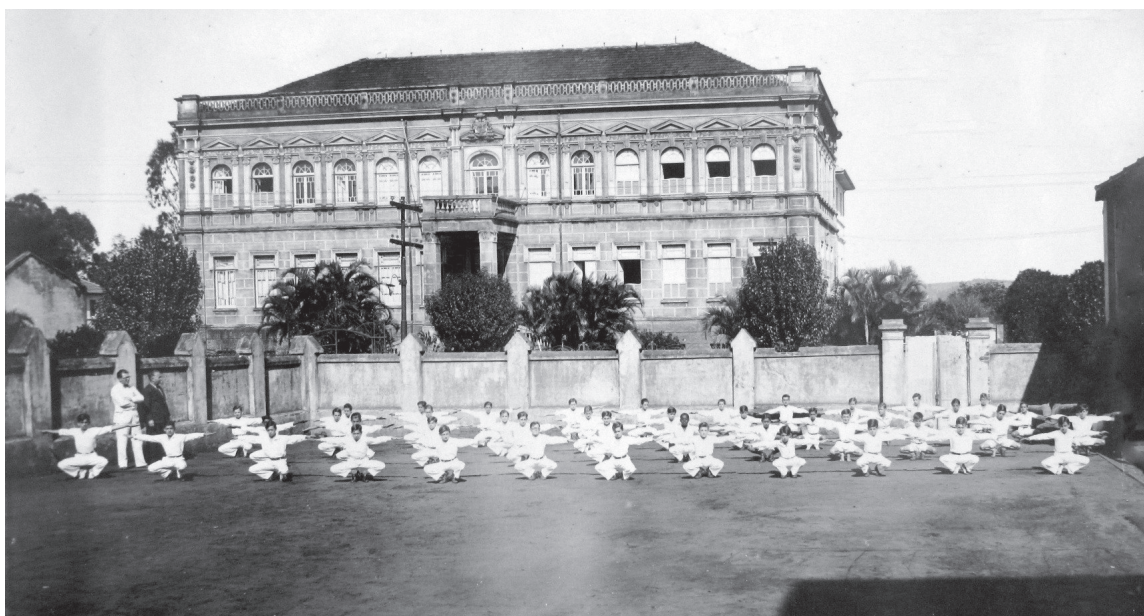
Em seu erudito ensaio, Susan Sontag objetiva discutir a sociedade contemporânea, que, ao multiplicar a percepção do mundo pela profusão de imagens, como as fotografadas, transforma o ser humano em espectador e colecionador de realidades acabadas. O consumo fotográfico cotidiano altera, portanto, nosso relacionamento com o real, minando nossa compreensão do mundo ao filtrá-la por infinitas duplicatas da realidade.

Susan Sontag, no entanto, apresenta idéias importantes para que o historiador da educação possa se precaver caso utilize esta fonte documental. Em sua análise, a autora afirma que a fotografia tem importante papel para a compreensão do que era o mundo privado, ao qual somente se deveria fotografar de determinada maneira, ou mesmo não se fotografar, e a construção de espaços públicos de sociabilidade, também com regras específicas de serem fotografadas:

As câmeras implementam uma visão estética da realidade por serem um brinquedo mecânico que estende a todos a possibilidade de fazer julgamentos desinteressados sobre a importância, o interesse e a beleza. (“Isso daria uma boa foto”). As câmeras implementam a visão instrumental da realidade por reunir informações que nos habilitam a reagir de modo mais acurado e muito mais rápido a tudo que estiver acontecendo. A reação, é claro, pode ser repressiva ou benevolente: fotos de reconhecimento militar ajudam a aniquilar vidas, radiografias ajudam a salvá-las.

Embora essas duas atitudes, a estética e a instrumental, pareçam produzir sentimentos contraditórios e até incompatíveis sobre pessoas e situações, essa é a típica contradição de atitude que devem compartilhar os membros de uma sociedade que divorcia o público do privado, e com a qual eles devem conviver. Talvez não exista nenhuma atividade que nos prepare tão bem para viver com essas atitudes contraditórias quanto a atividade de tirar fotos, que se presta a ambas de forma tão magnífica. De um lado, câmeras armam a visão a serviço do poder – do Estado, da indústria, da ciência. De outro, câmeras tornam a visão expressiva nesse espaço mítico conhecido como vida privada. Na China, onde nenhum espaço é deixado livre da política e do moralismo para expressões de sensibilidade estética, só se devem fotografar determinadas coisas, e só de determinadas maneiras. Para nós, à medida que nos tornamos mais desprendidos da política, há cada vez mais espaço livre para preencher com exercícios de sensibilidade como aqueles que as câmeras proporcionam. (SONTAG, 2004, p. 193)

A construção de espaços públicos corretos, do ponto de vista estético, pode ser destacada em muitas das fotografias dos relatórios das Delegacias Regionais de Ensino. No entanto, não é apenas a fotografia que contribuiu para uma visão instrumental destes espaços, a própria instrumentalização dos corpos pelo processo educacional, especificamente pela Educação Física de então, muito contribuiu para esta visão estética do espaço público em formação. As duas fotografias abaixo, de 1933, são exemplares deste processo:



Grupo Escolar de Botucatu – Arquivo Público do Estado de São Paulo



1º Grupo Escolar de Bauru – Arquivo Público do Estado de São Paulo

O papel da escola na construção do espaço público correto pode ser visto também na forma hierarquizada das diversas fotos das turmas de alunos, com a presença do diretor da escola e do professor da classe:



Grupo Escolar de Pederneiras – 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo

Ou também nas fotos das festas cívicas, com uma juventude militarizada nas manifestações das associações de escoteiros:



Grupo Escolar de Faxina – 1936 – Arquivo Público do Estado de São Paulo



Escoteiros de Garça – 1933 – Arquivo Público do Estado de São Paulo

Susan Sontag destaca incisivamente o efeito que o uso da fotografia causa como instrumento da percepção da realidade: o embelezamento inevitável do fato fotográfico. Tal efeito inevitável enfraquece a fotografia como fonte documental para a compreensão do passado:

A câmera é agora incapaz de fotografar um prédio residencial ou um monte de lixo sem transfigurá-lo. Para não falar de uma represa num rio ou de uma fábrica de cabos de eletricidade: diante disso, a fotografia só consegue dizer: “Que belo”. [...] Ela conseguiu tornar abjeta a própria pobreza, ao tratá-la de um modo elegante, tecnicamente perfeito, e transformá-la em objeto de prazer. (Walter Benjamin apud SONTAG, 2004, p. 123)

O congelamento do tempo – a estase insolente, pungente, de toda foto – produziu novos cânones de beleza, mais inclusivos. Porém as verdades que podem ser transmitidas em um momento dissociado, por mais decisivas ou significantes que sejam, têm uma relação muito estreita com as necessidades de compreensão. Ao contrário do que é sugerido pela defesa humanista da fotografia, a capacidade que a câmera tem de transformar a realidade em algo belo decorre de sua relativa fraqueza como meio de comunicar a verdade. (SONTAG, 2004, p. 128)

O risco de atribuir ao passado uma beleza que decorre do meio fotográfico como fonte documental é concreto. Nas duas fotos abaixo, de escolas rurais de 1936, a miséria das instalações escolares pode ser suplantada pela beleza estética causada pelo registro fotográfico. Este risco deve ser combatido pelo distanciamento crítico desejável à atividade do historiador da educação e pelo uso complementar de fontes escritas constantes nos próprios relatórios, que constantemente condenam a pobreza do sistema escolar rural:



Escola do Moquéim – Itapetininga – Arquivo Público do Estado de São Paulo



Escola do bairro das Pedras – Faxina – Arquivo Público do Estado de São Paulo

Embora bem mais favorável do que Susan Sontag ao uso da fotografia como fonte documental para a compreensão do passado, Boris Kossoy também apresenta restrições a este uso:

Contudo, na análise das imagens fotográficas do passado, cujos assuntos encerram quase que exclusivamente retratos posados de estúdios e vistas urbanas e rurais captadas na sua estaticidade, torna-se difícil levantar dúvidas quanto à fidedignidade dessas representações do ponto de vista iconográfico. Tratam-se de registros mecânicos de fragmentos do mundo visível caracterizados em geral pela inexistência de fatos dinâmicos que poderiam eventualmente ser flagrados em sua espontaneidade. Os conteúdos dessas imagens mostram assuntos geralmente bem-organizados em sua composição e aprioristicamente petrificados, antes mesmo do congelamento fotográfico. Tratam-se em essência de imagens estáticas que contêm assuntos também estáticos: as duras, passivas e estereotipadas expressões humanas dos álbuns de família, os edifícios, os monumentos, as ruas quase sem vida, a natureza imóvel. (KOSSOY, 2001, p. 111)

Nem sempre é assim. Fotógrafos, mesmo em missão oficial de documentação para órgãos estatais, também são seres humanos. Comportam, portanto, as nuances que caracterizam a condição humana. Às vezes, quem sabe involuntariamente, também registram o espontâneo, como nas duas fotografias abaixo de atividades escolares envolvendo professores e alunos fora dos muros da escola em 1933:



Clube Esportivo Infantil – Piratininga – Arquivo Público do Estado de São Paulo



Clube Esportivo Infantil – Piratininga – Arquivo Público do Estado de São Paulo

Por maiores que sejam as críticas à sociedade contemporânea, freqüentemente bombardeada por imagens que embotam e deturpam a percepção da realidade, não se pode ignorar que fotografias preservam documentalmente cenas do passado. Usar criteriosamente e de maneira não isolada esta fonte nas pesquisas em História da Educação possibilita rico material de análise de contextos educacionais do passado. Não se pode descartar o uso da fotografia como fonte documental devido às suas características intrínsecas de embelezamento do passado. Nem de sua constituição consciente pelo fotógrafo, que previamente selecionou e organizou o que deveria ser registrado na foto. Isto ocorre, às vezes de maneira mais sutil, com quaisquer tipos de documentos usados pelos historiadores, quer sejam fontes orais, iconográficas ou escritas. Se as fontes documentais comportam grande carga de subjetividade de quem as registrou, cabe ao historiador buscar alguma objetividade no trato destas fontes. Não deveria ser diferente com o uso da fotografia como instrumento de compreensão do passado em História da Educação. Os arquivos estão repletos deste material. Cabe aos historiadores não o temerem, nem simplesmente se renderem ao canto das sereias da sedução documental. Este risco existe, mas é necessário identificá-lo e equacioná-lo. Isto sempre foi incumbência nata do ofício do historiador.

---

**Resumo:** Nos arquivos públicos brasileiros, não é raro deparar-se com fotografias registrando o cotidiano escolar de instituições educacionais desde, ao menos, o início do século XX. O historiador freqüentemente tem dificuldades conceituais em tratar a documentação fotográfica como fonte de pesquisa. O atual trabalho propõe apresentar o debate sobre o uso da fotografia como fonte privilegiada para a pesquisa em História da Educação. A fotografia pode ser instrumento de conhecimento e informação para observadores afastados do lugar e da época em que as imagens tiveram origem. Seus conteúdos têm sido timidamente empregados em pesquisas de História da Educação. A metodologia deste trabalho abordará as idéias propostas por Boris Kossoy e Susan Sontag sobre a fotografia como registro da realidade e sua utilização na pesquisa histórica. Como interlocutoras às idéias destes três autores, serão apresentadas fotografias de relatórios de Delegacias Regionais de Ensino da década de 1930, preservadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo. É objetivo deste trabalho auxiliar pesquisadores de História da Educação na reflexão metodológica do uso de fotografias como fonte documental de pesquisa.

**Palavras-chave:** história da educação; fotografia; fontes documentais.

**Abstract:** *In the Brazilian public archives, it is not unusual to find photographs recording the daily school educational institutions since at least the early twentieth century. The historian often has conceptual difficulties in dealing with the photographic documentation as a research source. The current work proposes to present the debate over the use of photography as a privileged source for research on Education History. Photography can be an instrument of knowledge and information for observers away from the place and time in which the images originated. Its contents have been tentatively used in research for the History of Education. The methodology of this study will approach the ideas proposed by Boris Kossoy and Susan Sontag on photography as a record of reality and its use in historical research. As interlocutors with the ideas of these three authors will be presented photographs of reports from the Regional Office of Education in the 1930s, preserved in the Public Archives of São Paulo. It is the purpose of this study to help researchers in History of Education in methodological reflection on the use of photographs as documentary source of research.*

**Keywords:** *history of education; photograph, documentary sources.*

#### **Referências:**

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Alicerces da pátria: história da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976)*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

Recebido em abril de 2010

Aprovado em junho de 2010